AGROANALYSIS

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

AGRICULTURA E BALANÇA COMERCIAL

VOL. 6 – Nº 1 JANEIRO DE 1982

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO BRASILEIRO
DE ECONOMIA

GOMES FREIRE 21.1.82 DR.RJ

BRASIL CORREIO CR$ 005,00

FGV-ESCOLA ADM EMPRESAS SP
BIBLIOTECA KARL BOEDECKER
AV 9 DE JULHO 2029 10.AND
01313 SAO PAULO SP

39

IMPRESSOS

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

COORDENADOR
Tito Bruno Bandeira Ryff

QUADRO TÉCNICO E ÁREAS DE INTERESSE

Fatores de Produção; Infraestrutura; Pecuária
Bruno Marcus Rangel Pessanha
Editoração; Arroz; Cevada; Mamona; Comércio Internacional; Feijão
Fernando Roberto de Freitas Almeida
Cana-de-Açúcar; Mandioca; Álcool; Serviço de Dados Básicos
Francisco Antônio da Fonseca Menezes
Algodão; Fruticultura; Olericultura
Iracema Bouzas Pessôa
Milho; Suinocultura; Avicultura; Serviço de Cadastro
Irene Raguenet Troccoli
Oleaginosas; Trigo; Metais Preciosos
Leila Tendrih de Freitas Almeida
Cacau; Café; Fumo; Moeda e Crédito
Régis Norberto da Cunha Alimandro

QUADRO DE APOIO

Diagramação; Composição; Montagem; Arte-Final
Emerson da Silva Martins
Secretária
Jorgina Leite Lemos
Datilógrafo
Damião Roberto Mattos Pinheiro
Mensageiro
José de Oliveira Melo Júnior
Serviço de Documentação
Maria Eunice Rocha
Estagiários
Cláudia Rodrigues Campos
Cristina Pinto Corrêa
Deborah de Almeida Lima
Edmilson Marques Lana

"Agroanalysis" é uma publicação do Grupo de Informação Agrícola do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas, editada com apoio do Banco Central.

Agroanalysis, v. I — , n. 1 —; 1977 —
Rio de Janeiro, Grupo de Informação Agrícola
v. ilust. 30 cm Mensal (jan. a dez.)

1. Agricultura — Periódicos. I. Grupo de Informação Agrícola
CDU 631 (05)

Grupo de Informação Agrícola
Av. Gomes Freire, 647 — 10º — ZC-58
Fones: 232-5001, 232-6827, 232-8678 e 232-2548
Telex: 212-3840 FGVE BR
20.000 — Rio de Janeiro — RJ

BIBLIOTECA KARL A. BOUCKER
Escola de Administração de
Empresas de São Paulo

NOTA DA EDIÇÃO

O Brasil terminou o ano de 1981 com um saldo positivo, na sua balança comercial, da ordem de US$ 1,2 bilhão. Este resultado revela um expressivo progresso em relação ao ano passado, quando o país acumulou um déficit de US$ 2,8 bilhões em suas transações comerciais. Essa evolução positiva deveu-se à redução de 3,8% no valor global das importações e ao crescimento de 15,7% na receita obtida com exportações.

No tocante ao aumento da receita de exportações, a contribuição mais significativa veio dos produtos manufaturados. Em contrapartida, o bloco de produtos agrícolas de maior peso na pauta de exportações (café, cacau, açúcar e soja) registrou uma diminuição de 6% no valor exportado.

As razões que explicam a queda das cotações internacionais de grande número de produtos agrícolas derivam de fatores macroeconômicos, de um lado, e de situações específicas de mercado, de outro. Os fatores macroeconômicos (recessão nas principais economias ocidentais, taxas de juros em nível elevado e valorização relativa do dólar norte-americano) não são abordados no estudo apresentado na página 2. A tônica do texto consiste na análise da situação específica de mercado para quatro produtos agrícolas (café, cacau, açúcar e soja) que representam cerca de 30% das exportações totais do Brasil. Com base nesta análise, o estudo conclui que, embora melhores do que em 1981, as perspectivas da receita com a exportação desses produtos não chegam a entusiasmar. A taxa de crescimento prevista na arrecadação de divisas é de apenas 4%, o que obrigaria o restante da pauta de exportações a crescer a uma taxa de 29%, para se alcançar a meta de US$ 28 bilhões de exportação em 1982.

Isto não significa, no entanto, que o objetivo de se obter um excedente de US$ 3 bilhões na balança comercial seja impossível. Este resultado poderá ser atingido com um nível menor de exportações (US$ 26,5 bilhões, por exemplo) desde que os preços do petróleo se mantenham estáveis no decorrer deste ano.

Como qualquer exercício de previsão, o estudo da página 2 está sujeito a qualificações e reserva certa margem ao imponderável. Uma das qualificações necessárias refere-se aos fatores macroeconômicos citados acima, embora, até o momento, a queda da taxa de juros no mercado internacional e a acomodação registrada na cotação do dólar não tenham produzido nenhum efeito sobre os preços das principais "commodities" agrícolas. Quanto aos fatores imponderáveis (situação política internacional, variações climáticas, crises internas em grandes países produtores, etc.) ainda que importantes, eles deverão ter, em 1982, uma influência reduzida sobre as cotações, tendo em vista a existência de um considerável excedente de oferta, em nível mundial, para os principais produtos agrícolas.

Finalmente, o estudo em questão visa servir de balizamento para a monitoração do desempenho das principais exportações agrícolas brasileiras ao longo de 1982. Neste sentido, sua função não é tanto a de alarmar, quanto a de estimular os exportadores brasileiros a um esforço redobrado em busca de novos mercados para seus produtos.

Além do estudo em questão, o leitor de "Agroanalysis" encontrará, neste número, comentários sobre café, cana-de-açúcar e carne e a seção Panorama Agropecuário.

AGROANALYSIS

FUNDAÇAO GETÚLIO VARGAS

Instituto Brasileiro de Economia

ÍNDICE

Páginas

Análise

Agricultura e Balança Comercial. 2

Comentários

Café 11

Cana-de-Açúcar. 13

Carne 15

Panorama Agropecuário

Acompanhamento das Culturas Temporárias 20

Preços no Mercado Externo. . . 25

Preços no Mercado Interno . . . 27

Preços Relativos 29

AGRICULTURA E BALANÇA COMERCIAL

EM 1981, HOUVE QUEDA NA RECEITA OBTIDA COM OS QUATRO PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS DE EXPORTAÇÃO DO PAÍS. ESTE ESTUDO ANALISA AS PERSPECTIVAS DE EXPORTAÇÃO PARA O CAFÉ, O CACAU, O AÇÚCAR E A SOJA, TENDO EM VISTA A SITUAÇÃO DO MERCADO INTERNACIONAL PARA CADA UM DESTES PRODUTOS.

Por ocasião da primeira crise do petróleo, em 1973, as importações brasileiras cresceram cerca de 100%, em apenas um ano, saltando de US$ 6,2 bilhões para US$ 12,6 bilhões. Esse aumento ocorreu não apenas em função da elevação do preço do petróleo mas, também, em decorrência do maior volume de importações de bens de capital, necessários ao novo ciclo de investimentos que se desenvolvia, então, no país.

Naquela ocasião, abriu-se, na balança comercial brasileira, uma brecha de US$ 4,7 bilhões. Ao cabo de três anos, esse déficit tinha sido convertido num excedente de US$ 97 milhões. O mais importante, no entanto, é que esse resultado foi obtido sem redução excessiva da atividade econômica do país, uma vez que, no período 1974/1977, a taxa anual média de crescimento da produção industrial foi de 7,7%. Dentre os fatores que contribuíram para este êxito, merece destaque a expansão significativa das exportações, de aproximadamente US$ 4,2 bilhões, total em que a participação da agricultura foi da ordem de 49% (sem contar o crescimento da exportação de produtos agrícolas manufaturados ou semi-manufaturados). Os anos que se seguiram à primeira crise do petróleo servem para ilustrar, portanto, que as exportações de produtos agrícolas, apesar de uma participação decrescente no comércio exterior brasileiro, ainda têm importância estratégica fundamental para a balança comercial do país.

O segundo choque do petróleo, ocorrido no final de 1979, encontrou o país em situação mais vulnerável do que em 1973, no que diz respeito às contas externas. Em 1973, as reservas internacionais correspondiam a 1,04 vezes o valor total das nossas importações anuais e a 9,02 vezes o valor das importações anuais de petróleo bruto e derivados. Em 1979, esses coeficientes eram de 0,54 e de 1,51, respectivamente. Talvez por essa razão, entre outras, o governo tenha optado, desta vez, pelo recurso à redução da atividade econômica como forma de obter o reequilíbrio das contas externas.

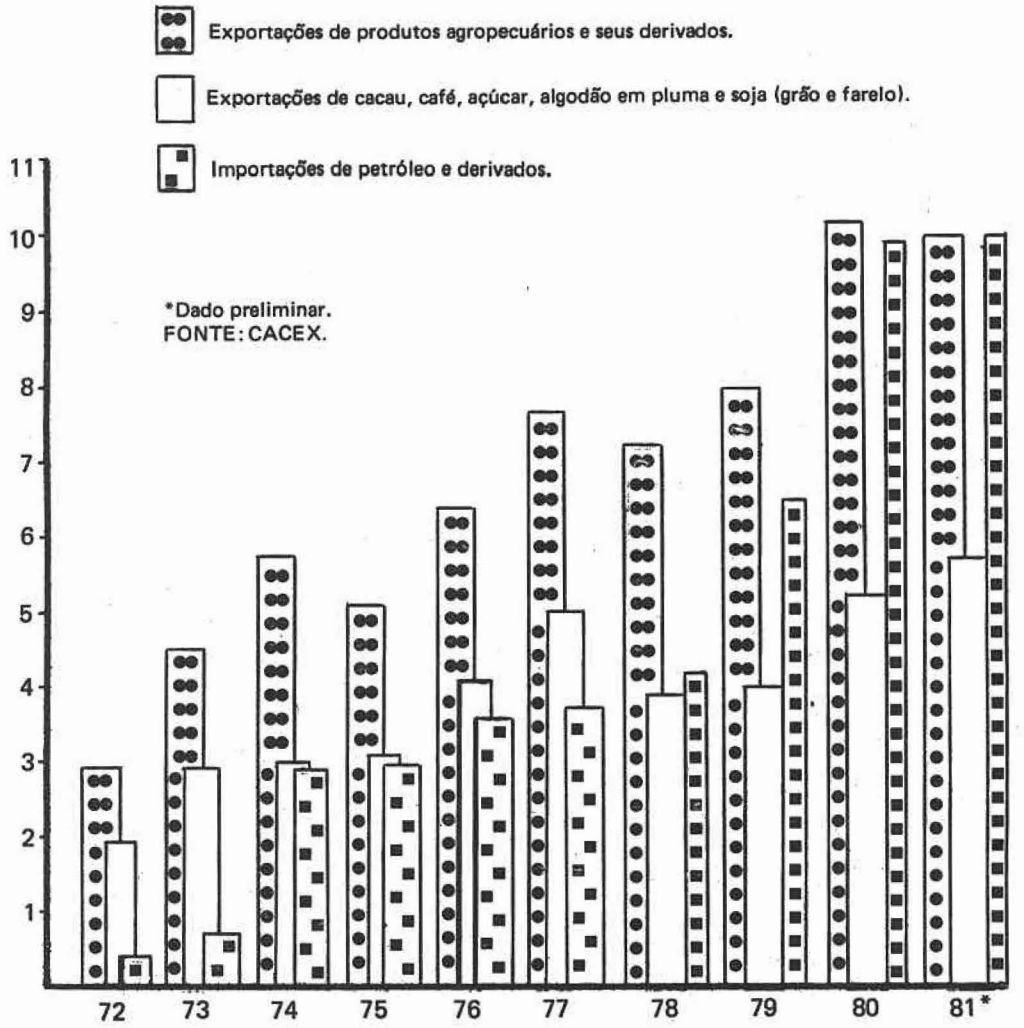
O impacto produzido pelos dois choques do petróleo sobre a balança comercial brasileira fica bem ilustrado pelo Gráfico 1. Verifica-se que nos anos de 1972 e 1973, antes do primeiro aumento significativo do preço do petróleo, o

valor obtido com as principais exportações agrícolas brasileiras (cacau, café, açúcar, algodão em pluma, soja em grão e farelo) superava, largamente, a fatura das importações de petróleo e derivados. Em 1974, logo após a elevação dos preços do petróleo por parte da OPEP, os dois valores passaram a se equivaler. Nos anos de 1976 e 1977, no entanto, a alta registrada na cotação internacional do café, do cacau e da soja reduziu o peso relativo da fatura do petróleo. Esta bonança, contudo, teve curta duração. Em 1978, o efeito combinado da queda das cotações dos produtos agrícolas brasileiros e do crescimento das importações de petróleo elevou as despesas com a compra de petróleo e derivados acima do valor arrecadado com as exportações dos principais produtos agrícolas. Dois anos depois, o impacto do segundo choque do petróleo passava a consumir o equivalente ao valor de todas as exportações brasileiras de produtos de origem agropecuária (inclusive manufaturados e semi-manufaturados).

Além do seu efeito nocivo sobre o balanço de pagamentos do país, a elevação do preço do petróleo produz dois tipos de pressão inflacionária. O

QUADRO 1

BRASIL — Quadro Comparativo das Exportações de Produtos Agropecuários e seus Derivados, da Receita Obtida com as Vendas Externas de Cacau, Café, Açúcar, Algodão em Pluma, Soja (Grão e Farelo) e das Importações Brasileiras de Petróleo, para o Período 1972-1981 — (US$ bilhão)



primeiro, mais comumente mencionado, é o que decorre de um fenômeno de repercussão de preços. A elevação do preço do petróleo incide sobre o custo de produção de determinados bens e, conseqüentemente, sobre os preços pagos pelo consumidor. O segundo tipo de pressão inflacionária, que pode ser neutralizado, a curto prazo, pelo endividamento externo ou pela perda de reservas internacionais, é o que resulta da redução relativa da capacidade de importar do país. Com efeito, a necessidade de exportar quantidades crescentes de bens e serviços para pagar a importação de um volume fixo de petróleo faz com que o equilíbrio da balança comercial seja alcançado a um nível de importações inferior ao que seria possível obter, se não tivesse havido aumento do petróleo. Essa diminuição do potencial de importação de um país equivale a uma redução da oferta interna de bens e serviços. O Gráfico 1 mostra o impacto crescente desse segundo tipo de pressão inflacionária sobre a economia brasileira.

O Impacto Inflacionário do Preço do Petróleo

Por ocasião do primeiro choque do petróleo, a pressão inflacionária que resultou da redução relativa da capacidade de importar do país foi neutralizada, em parte, pelo endividamento externo e pela perda de reservas internacionais. Posteriormente, a valorização de alguns de nossos produtos agrícolas de exportação contribuiu, igualmente, para amenizar os efeitos da primeira grande elevação do preço do petróleo. Em 1979, quando os países produtores de petróleo decidiram recorrer a um novo aumento substancial de preços do seu principal produto de exportação, a situação era radicalmente diferente. O nível das reservas internacionais, em termos relativos, era inferior ao de 1973, a capacidade de endividamento externo do país era bem menor e os preços dos principais produtos agrícolas de exportação do Brasil estavam em processo de queda. Esses fatores, aliados à necessidade de conter um processo inflacionário que já atingia a casa dos três algarismos, levaram o governo a recorrer a um processo de redução do nível da demanda interna, como forma de ajustá-la às necessidades de um equilíbrio da balança comercial.

Deste modo, a recuperação da balança comercial processou-se de forma mais rápida do que no período 1974/1977. Em apenas dois anos, o país passou de um déficit de US$ 2,7 bilhões nas transações comerciais para um excedente da ordem de US$ 1 bilhão. Esse equilíbrio, no entanto, é bastante precário. Em primeiro lugar, porque foi obtido, em grande parte, graças à forte redução verificada na produção industrial do país. A reativação da atividade econômica, que deverá ocorrer, já neste ano, poderá criar novas pressões sobre a balança comercial. Em seguida, porque o crescimento das exportações de manufaturados vem sendo acompanhado por um aumento considerável da massa de subsídios concedidos pelo governo, artificialismo que terá de ser contido, sob pena de comprometer a política monetária governamental e de suscitar forte reação da parte dos países importadores.

Sendo assim, é interessante verificar quais são as perspectivas de exportação para os principais produtos agrícolas brasileiros e seus derivados, durante o ano de 1982, a fim de avaliar a contribuição que a agricultura poderá oferecer ao objetivo governamental de obter um excedente de US$ 3 bilhões na balança comercial brasileira.

Participação menor, mas ainda importante

Há cerca de vinte anos, as exportações agrícolas (café em grão, açúcar, algodão em rama e cacau em amêndoas) representavam 74,2% do total das vendas brasileiras, sendo que o café em grão, por si só, contribuía com 61%. Desde então, houve uma redução substancial na participação relativa da agricultura no comércio exterior do país. Esse fenômeno foi, em boa medida, uma conseqüência natural do rápido processo de industrialização registrado no período, embora tenha sido reforçado pela política de incentivos fiscais à exportação de manufaturados e pela decadência do Brasil no mercado cafeeiro mundial.

Os incentivos à exportação de manufaturados, por outro lado, fizeram com que aumentasse a tendência à exportação de produtos agrícolas transformados industrialmente, em detrimento do comércio com produtos *"in natura"*. Assim, as exportações de óleo de soja, óleo de mamona, manteiga de cacau, café industrializado e suco de laranja, por exemplo, bastante modestas há vinte anos,

representam, atualmente, uma parcela significativa das vendas externas do país. Por isso, quando se considera o conjunto dos produtos de origem agropecuária (inclusive manufaturados e semi-manufaturados) verifica-se que a participação do setor agrícola na balança comercial brasileira ainda é importante: em 1980, por exemplo, ela superou os 50%.

O café, o cacau, o açúcar e a soja, *"in natura"* ou na forma de derivados, foram responsáveis, em 1981, por 30% das vendas totais brasileiras. Por essa razão, procura-se, neste trabalho, explorar as condições de mercado que, possivelmente, determinarão a evolução dos preços destes quatro produtos durante o ano em curso.

O montante de divisas arrecadado com as exportações de determinado produto agrícola depende do volume exportado e do preço médio unitário obtido nas vendas externas. Este último, por sua vez, é influenciado não só pelo nível inicial dos preços mas, também, pela trajetória destes preços ao longo do ano. A seguir, procura-se detectar qual a trajetória provável para os preços do café, do cacau, do açúcar e da soja como forma de estimar o valor a ser arrecadado pelo Brasil com a exportação desses quatro produtos durante o ano de 1982. Com esse objetivo, a análise dos mercados e os resultados registrados nos anos de 1980 e 1981 servem de base para o balizamento das projeções de preços para cada produto.

CAFÉ

Em 1980, o valor médio das médias mensais das cotações do café, na Bolsa de Nova Iorque, foi igual a US¢156,15/libra-peso, sendo que os preços mantiveram-se acima da média até o mês de julho, quando iniciaram um processo de queda. Este se deveu não só à superação do risco de geadas no Brasil mas, sobretudo, às primeiras notícias a respeito de uma forte recuperação da produção brasileira na safra 1981/82.

Já em 1981, a trajetória dos preços do café, ao longo do ano, foi diferente. Até junho, as cotações continuaram a mostrar tendência à baixa, em decorrência da expectativa relacionada com o volume da safra brasileira. A geada do final de julho, no entanto, reverteu a tendência dos preços, dando início a um processo de alta que foi reforçado, posteriormente, pela renovação do Acordo Internacional e pela fixação de uma quota global de exportações, para o último trimestre do ano, relativamente apertada.

Desta forma, o ano de 1982 teve início com as cotações em nível superior ao registrado em janeiro de 1981. Mais importante ainda, contudo, é que, ao contrário do que ocorreu no ano passado, a tendência provável das cotações, durante o primeiro semestre de 1982, é de alta moderada ou, pelo menos, de sustentação dos preços. Na segunda metade do ano, a redução da oferta de café, em função de uma safra brasileira bem inferior à de 1981, deverá contribuir para a aceleração do processo de alta dos preços. Caso venha a ocorrer uma nova geada nas regiões produtoras, durante o inverno brasileiro, essa alta poderá atingir níveis difíceis de serem contidos nos limites do Acordo Internacional.

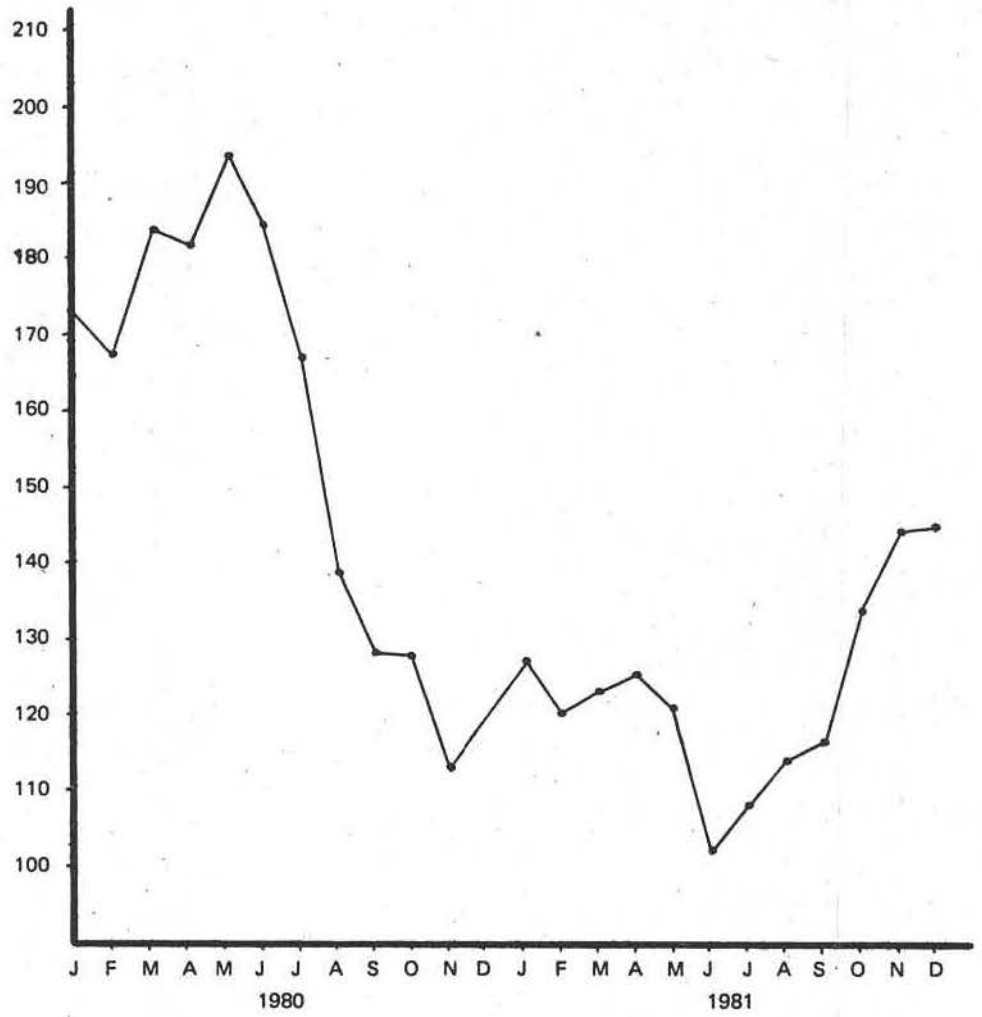
Durante a maior parte do ano corrente, a oferta de café, em nível mundial, ainda será relativamente folgada, em relação a um consumo estimado em cerca de 60 milhões de sacas. Desta forma, dificilmente o preço indicativo da OIC, no primeiro semestre, ultrapassará o nível de US¢ 150/libra-peso, a partir do qual o sistema de quotas é suspenso pela Organização Internacional. Contudo, mesmo que isto venha a ocorrer nos últimos seis meses do ano, o mais provável é que a média do preço indicativo, em 1982, fique abaixo de US¢ 150/libra-peso. Este valor pode ser adotado, portanto, como limite máximo para a média anual das cotações do contrato na Bolsa de Nova Iorque.

Tomando-se por base um preço médio de US¢ 150/libra-peso, pode-se proceder a uma estimativa do montante de divisas a ser arrecadado pelo Brasil com as exportações de café durante o ano de 1982. É interessante observar, desde logo, que o valor acima acha-se bastante próximo da média anual das cotações registradas na Bolsa de Nova Iorque para o ano de 1980. Naquele ano, o Brasil obteve US$ 2,8 bilhões com a exportação de 15,2 milhões de sacas de café.

Em 1982, o IBC calcula que o país poderá exportar um total de 17,5 milhões de sacas, dis-

QUADRO 2

CAFÉ (Tipo Santos) – Cotações do 1º Futuro na Bolsa de Nova Iorque (US¢/libra-peso)



FONTE: UNICOM.

tribuídas da seguinte forma: 15,3 milhões de sacas de café verde (das quais, 13,5 milhões aos países membros da OIC e 1,8 milhão aos países não membros) e 2,2 milhões na forma de café solúvel. Segundo, ainda, aquela autarquia, a receita de exportações derivada da atividade cafeeira poderia variar, em 1982, entre US$ 2,2 bilhões e US$ 2,6 bilhões. Estes valores correspondem à entrada efetiva de divisas, uma vez descontada a parcela referente ao resgate dos Avisos de Garantia emitidos pelo IBC. Em 1981, segundo o mesmo critério, o montante arrecadado foi de apenas US$ 1,8 bilhão.

A estimativa do IBC para 1982 parece bastante realista, tendo em vista o nível atual das cotações e a tendência do mercado. Além disso, a autarquia cercou-se de natural cautela ao fixar um intervalo bastante amplo para a sua previsão. Em termos brutos, o valor exportado pelo Brasil, em 1982, poderá alcançar a soma de US$ 2,8 bilhões, retornando ao nível alcançado em 1980.

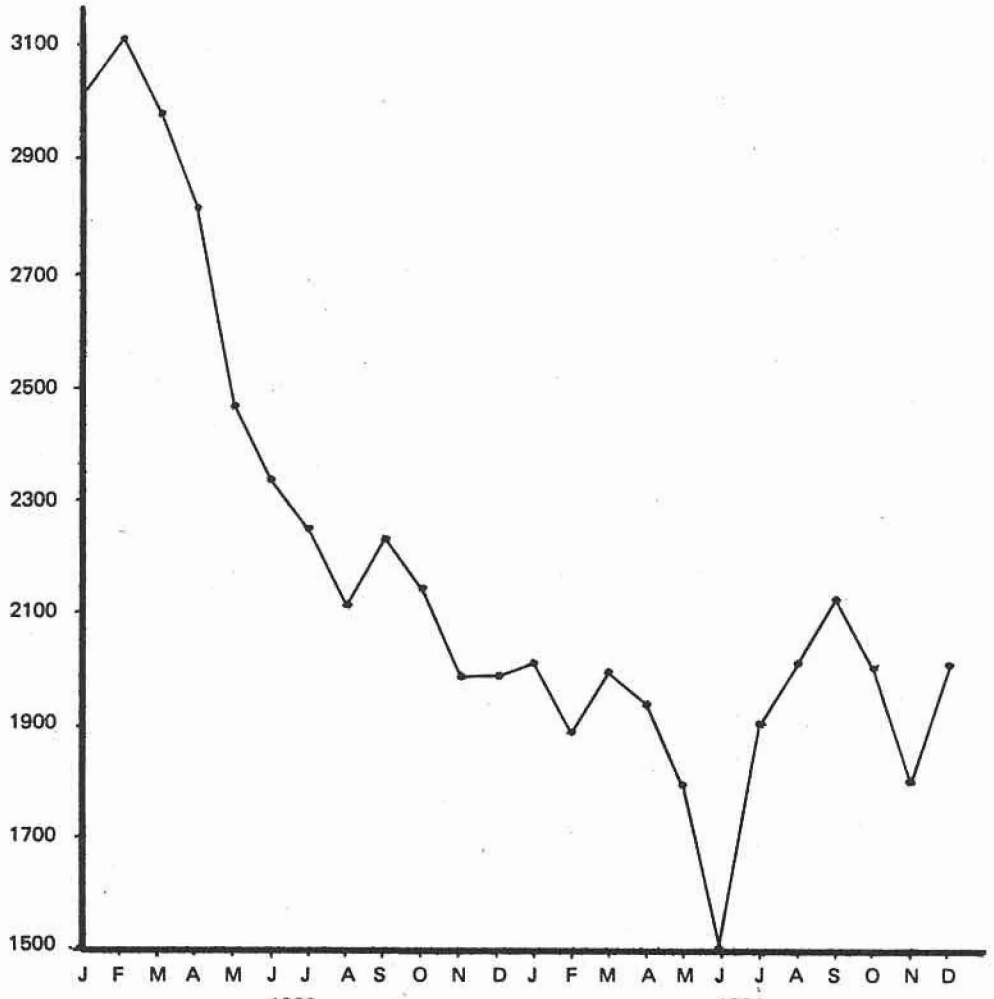
CACAU

As cotações do cacau experimentaram, entre janeiro e dezembro de 1980, uma queda da ordem de 34%. Em 1981, contudo, o processo de baixa alcançou o seu limite e as cotações permaneceram praticamente estáveis. Deste modo, a média anual das cotações registradas na Bolsa de Nova Iorque, que alcançava US$ 2.465/t em 1980, caiu para US$ 1.920/t em 1981. Em conseqüência, o valor das exportações brasileiras de cacau e derivados sofreu forte redução, de US$ 694 milhões, em 1980, para cerca de US$ 600 milhões, em 1981.

O problema do mercado internacional de cacau reside no excesso crônico de oferta, cujas conseqüências desastrosas já haviam sido previstas pelo **Grupo de Informação Agrícola**, em estudo publicado em **"Agroanalysis"**, vol. 3, nº 6, no mês de julho de 1979. Pelo quinto ano consecutivo, a quantidade produzida excederá, largamente, o consumo mundial. A tal ponto que, para o final da temporada 1981/82, estima-se que os estoques

QUADRO 3

CACAU (Tipo Bahia) – Cotações do 1º Futuro na Bolsa de Nova Iorque (US$/tonelada)



FONTE: UNICOM.

mundiais alcançarão o volume de 680 mil t, equivalente a 40% do consumo previsto. Apesar desta situação de preços desfavoráveis, alguns grandes países produtores, como a Costa do Marfim, Gana e Nigéria, têm revelado a intenção de continuar expandindo a sua produção. O Brasil, porém, ao que tudo indica, decidiu, ainda que de forma oficiosa, colocar um freio em seus planos, bastante ambiciosos, de crescimento da produção.

Por essas razões, embora a demanda mundial mostre certa tendência à recuperação, em função, sobretudo, do preço extremamente baixo do produto, é pouco provável que as cotações experimentem alta significativa no decorrer de 1982. Atualmente, os preços giram em torno de US¢ 97/libra-peso, valor inferior ao piso previsto no Acordo Internacional, que é de US¢ 110/libra-peso, e os esforços dos países produtores, no sentido de provocar uma reação do mercado, têm-se mostrado infrutíferos.

Em 1981, a receita obtida com as exportações de cacau e derivados não deverá ultrapassar os US$ 600 milhões, valor inferior em cerca de US$ 94 milhões ao resultado obtido em 1980. Para 1981, a hipótese mais provável é de estabilidade nas cotações do produto. Nos primeiros dias de janeiro, os preços mostraram leve tendência de alta, em função do golpe de Estado que ocorreu em Gana. No entanto, à medida que a situação volte a se normalizar naquele país e que o novo governo retome os planos de recuperação da lavoura cacaueira ganense, as cotações do cacau tenderão novamente a se estabilizar.

Sendo assim, a receita a ser obtida, em 1982, com as exportações de cacau, deve ficar, mais uma vez, por volta dos US$ 600 milhões, tendo em vista que não se deve esperar nenhuma alteração substancial no preço médio de exportação e que as possibilidades de expansão significativa do volume exportado são bastante reduzidas.

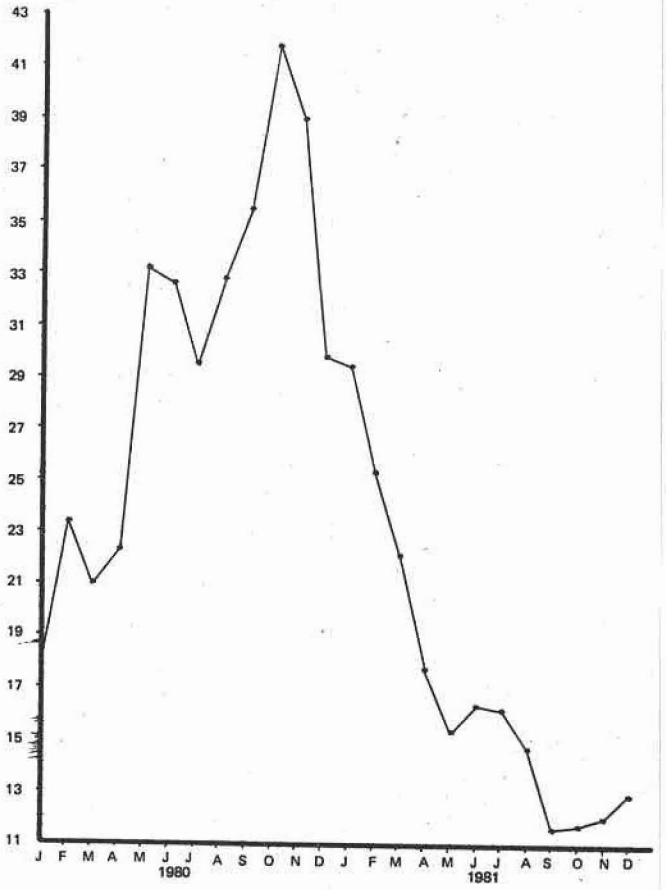
AÇÚCAR

Dentre as *"commodities"* agrícolas, o açúcar é a que apresenta maior grau de variação nos preços. O comportamento das cotações, nos últimos dois anos, ilustra bastante bem a variabilidade dos preços deste produto. Em janeiro de 1980, a libra-peso de açúcar do tipo 11, na Bolsa de Nova Iorque, valia US¢ 17,98. Nos nove meses seguintes, a cotação registrou substancial aumento, alcançando um pico de US¢ 41,79 no mês de outubro. Em seguida, no entanto, os preços começaram a cair rapidamente, furando o piso de US¢ 12/libra-peso nos meses de setembro, outubro e novembro de 1981. Atualmente, as cotações tendem a flutuar em torno dos US¢ 13/libra-peso.

O Acordo Internacional prevê variações de preços entre os limites de US¢ 12/libra-peso e US¢ 22/libra-peso. Tendo em vista, contudo, a existência de um considerável excedente de produ-

QUADRO 4

AÇÚCAR (Raw-tipo 11) – Cotações do 1º Futuro na Bolsa de Nova Iorque (US¢/libra-peso)



FONTE: UNICOM.

ção, o mais provável é que as cotações flutuem dentro do intervalo US¢ 12/libra-peso/US¢ 16/libra-peso, de modo a compor uma média de, aproximadamente, US¢ 14/libra-peso.

Em 1980, as exportações de açúcar (demerara, cristal e refinado) e de melaço renderam ao Brasil US$ 1,37 bilhão. Em 1981, apesar de uma cotação anual média, na Bolsa de Nova Iorque, substancialmente mais baixa, o país ainda conseguiu obter, com a venda externa destes dois produtos, cerca de US$ 1,1 bilhão, graças à existência de contratos de fornecimento com preços antigos. Em 1982, todavia, não só o preço médio tenderá a cair, novamente, como deverá diminuir, grandemente, a importância relativa dos contratos firmados com preços ainda altos. Sendo assim, haverá uma queda substancial no montante de divisas obtidas pelo país com as exportações de açúcar e de melaço.

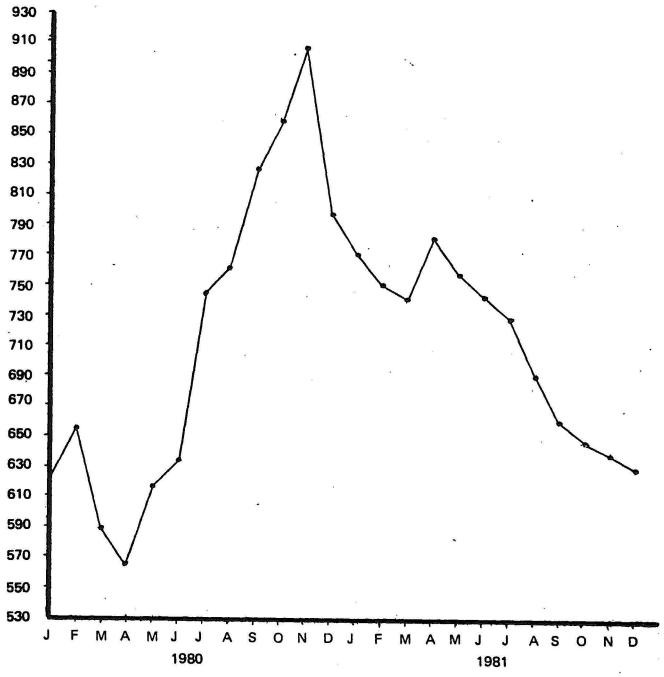
Em 1981, enquanto a cotação média da Bolsa de Nova Iorque foi de US¢ 17,21/libra-peso, o preço médio de exportação do açúcar demerara brasileiro situou-se em US¢ 19/libra-peso. Para 1982, caso a média da Bolsa fique em US¢ 14/libra-peso, pode-se prever uma queda mais ou menos proporcional no preço médio das vendas brasileiras dos diversos tipos de açúcar. Em conseqüência, a receita a ser obtida com as exportações de açúcar e melaço, em 1982, poderá cair para o intervalo US$ 800 milhões/US$ 900 milhões.

SOJA

A cotação da soja em grão na Bolsa de Chicago, é, atualmente, de US¢ 627,50/bushel, nível muito próximo do que prevaleceu no primeiro semestre de 1980. A partir de junho de 1980, no entanto, a cotação elevou-se rapidamente, em função da quebra da safra norte-americana daquele ano, atingindo o pico de US¢ 908,07/bushel em novembro. Após uma certa acomodação, o preço manteve-se ainda elevado até o mês de julho de 1981, ocasião em que começou a se configurar a possibilidade da ocorrência de uma volumosa safra de soja nos EUA, cuja produção havia sido estimulada pelos altos preços do ano anterior. Desde então, a cotação da soja em grão, na Bolsa de Chicago, tem caído mês a mês, até o nível atual, de US¢ 627,50/bushel.

QUADRO 5

SOJA-GRÃO (One Yellow) – Cotações do 1º Futuro na Bolsa de Chicago (US¢/bushel)



FONTE: UNICOM.

As perspectivas de recuperação do preço, nos próximos meses, são pequenas, tendo em vista o volume excessivo da safra norte-americana, cuja comercialização se acha ainda no começo. Espera-se, contudo, para 1982, uma certa reativação da demanda mundial de farelo de soja, fator que poderia contribuir para a sustentação das cotações do produto. É possível, ainda, que uma quebra da safra brasileira[1] a ser colhida a partir de março, provoque uma certa elevação dos preços. Ou, mesmo, que a próxima safra norte-americana, que começa a ser plantada em abril/maio, revele forte redução da área plantada, fazendo com que o mercado antecipe uma situação de escassez do pro-

1 a esta altura improvável, já que as condições climáticas, até o momento, têm-se mostrado bastante favoráveis.

duto a partir do mês de outubro, fenômeno que teria, igualmente, reflexo sobre os preços. Desta forma, não se pode descartar, totalmente, a possibilidade de uma forte recuperação dos preços no segundo semestre de 1982. O mais provável, todavia, é que a cotação do grão permaneça dentro do intervalo US¢ 600/bushel—US¢ 700/bushel. Nesse caso, e, supondo-se um volume exportado, em 1982, igual ao de 1981[2], a receita bruta em divisas, a ser obtida com a soja e derivados, deverá ficar entre US$ 2,6 e US$ 2,7 bilhões.

Portanto, somando-se as estimativas referentes às exportações de cacau, café e soja, *"in natura"* ou na forma de derivados, o valor global, em divisas, a ser obtido com as vendas externas destes quatro produtos, poderá alcançar a soma de US$ 7 bilhões. O Quadro 6 compara este montante com os valores correspondentes para os anos de 1979 e 1980.

Verifica-se que o ano de 1981 foi caracterizado por uma queda na receita obtida com os quatro principais produtos agrícolas de exportação. Em 1982, poderá ocorrer modesta recuperação dessa receita, inferior, contudo, à taxa de inflação mundial e insuficiente para manter a participação daqueles produtos agrícolas no total das exportações brasileiras. Esse fato vai exigir, para que a meta de US$ 28 bilhões de exportações seja alcançada, um crescimento da ordem de 29% nas exportações dos demais produtos que compõem a pauta de exportações brasileira, taxa substancialmente superior à que foi possível obter em 1981 (+17,4%). Num ano em que a economia mundial deverá permanecer em recessão, os exportadores brasileiros terão que se desdobrar, para corresponder à expectativa do governo.

[2] o novo sistema de comercialização da soja, que permite a livre importação e exportação do grão, poderá resultar em aumento do volume exportado, embora estime-se que a safra brasileira, em 1982, terá, aproximadamente, o mesmo volume da de 1981. Em 1981, o Brasil importou, no regime de *"draw-back"*, cerca de 0,95 milhão de t de grão, quantidade que poderá crescer significativamente em 1982.

QUADRO 6

BRASIL — Exportações de Açúcar, Café, Cacau e Soja, "In Natura" ou na Forma de Derivados, e Exportações Totais Brasileiras: Resultados de 1979, 1980 e 1981 e Previsões para 1982 (em US$ milhão)

Produto	Ano						
	1979	1980	Var.%	1981	Var. %	1982	Var. %
Açúcar	412,4	1.370,2	232%	1.100	-20%	800-900	-18%
Cacau	947,7	694,1	-27%	600	-14%	600	0%
Café	2.318,8	2.772,9	20%	2.000	-28%	2.800	40%
Soja	1.651,4	2.264,2	37%	3.000	32%	2.600-2.700	-10%*
1) Total parcial	5.330,3	7.101,4	33%	6.700	-6%	6.800-7.000	4%*
2) Total das exportações brasileiras	15.244,3	20.132,4	32%	23.000	14%	28.000**	22%
3) 1 ÷ 2	34,96%	35,27%		29,13%		24%-25%	

* Considerando-se o limite superior da previsão.
** Meta do governo brasileiro para 1982.
FONTE: CACEX.

COMENTÁRIOS

CAFÉ

Indefinição nas regras de comercialização mantém mercado em expectativa

A receita cambial obtida com as exportações de café, em 1981, sofreu uma redução de mais de 35% quando comparada ao montante arrecadado em 1980. Foram vendidas ao exterior, aproximadamente 16 milhões de sacas de 60 kg (15,2 milhões, em 1980), no valor de US$ 1,8 bilhão.

Apesar disso, o desempenho brasileiro no mercado internacional de café pode ser considerado satisfatório, tendo em vista que os preços externos sofreram continuada queda durante o primeiro semestre, dando seqüência a um processo de reduções anteriores. Naquela altura, era palpável a perspectiva de que o mundo caminhava para uma nova situação de superoferta de café (ver Gráfico 1).

Em julho, a conjuntura se modificou. A geada sofrida por quase todas as regiões produtoras brasileiras, que terá o efeito de reduzir a próxima colheita em cerca de 50%, suscitou dúvidas com relação à perspectiva de superprodução. Conseqüentemente, as cotações iniciaram um processo de recuperação. Em setembro/outubro, o Acordo Internacional do Café, contrariamente à expectativa que prevalecia na época, foi renovado, trazendo novo alento aos preços.

Atualmente, a tendência das cotações, no exterior, é de firmeza. No mercado, existe um quase consenso de que os preços oscilarão dentro dos limites estabelecidos pelo Acordo (US$1,20 e US$1,40/lb-peso). Aproveitando este contexto de mercado estável, o IBC vem procurando introduzir algumas modificações nas normas dos contratos de suprimento. As duas alterações principais, pelo que se tem notícia até o momento, dizem respeito à fórmula de cálculo do desconto que o IBC oferece ao importador e às regras de aplicação dos Avisos de Garantia gerados pela concessão desses descontos.

No ano passado, o IBC estabelecia uma regra única de utilização de Avisos de Garantia, aplicável a todos os importadores. Em 1982, o importador que ampliar suas compras de café brasileiro, em comparação ao volume adquirido em 1981, terá direito a utilizar maior quantidade de Avisos de Garantia na compra de cada lote de café. Esta medida não foi ainda regulamentada e, portanto, os detalhes são desconhecidos. De qualquer forma, a reformulação objetiva reduzir o total de Avisos de Garantia em circulação, o que será conseguido caso as cotações, de fato, permaneçam estáveis. O valor dos títulos em circulação já chegou a atingir a casa dos US$ 600 milhões, gerando protestos dos importadores. Com a modificação, o IBC *"enxugaria"* mais rapidamente o mercado de Avisos de Garantia e, em contrapartida, o Brasil aceleraria o ritmo de suas vendas.

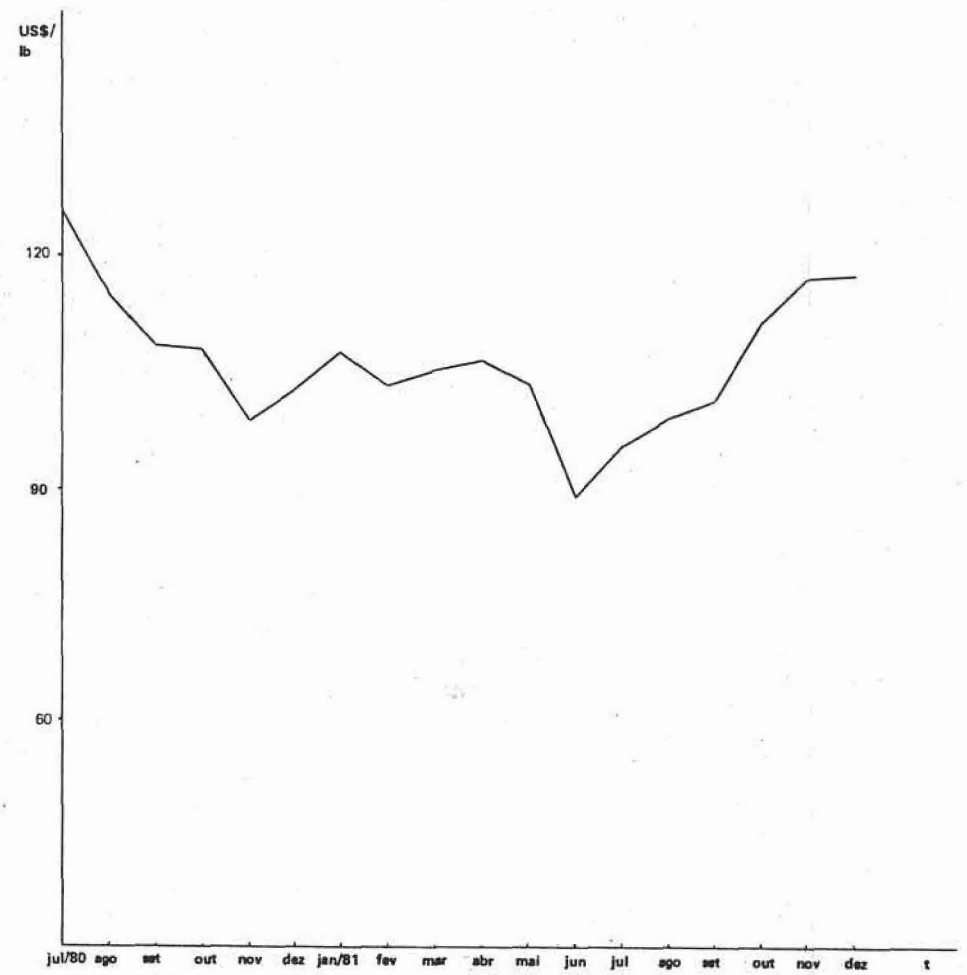
Em relação à fórmula de cálculo do desconto, a alteração também não foi definida oficialmente. A fórmula que está sendo aventada, no entanto, teria o efeito final de elevar o preço do café brasileiro relativamente aos preços dos concorrentes. Em 1981, o preço de venda do café do Brasil era determinado pela média móvel de dez dias das cotações de *"outros suaves"* e de *"robustas"*. O desconto era igual à diferença entre um preço arbitrado pelo IBC (preço mínimo de registro mais despesas de exportação) e aquela média. A alteração pretendida determina uma ponderação de 0,65 para os *"outros suaves"* (mais valorizados no mercado) e de 0,35 para o *"robusta"*.

Internamente algumas reformas também serão efetuadas. Parece certo que o preço de garantia será corrigido trimestralmente pela variação cambial verificada no período.

Por outro lado, permanece em discussão a fixação de um novo valor da saca de café para efeito de financiamento de comercialização. Uma elevação desse valor parece inevitável, mas o montante efetivo, ainda é desconhecido. Pelo menos até o final do ano, quando a redução da próxima colheita já se fará sentir, em termos de cotações internas, estas medidas trarão ganhos ao produtor. É bom

lembrar que o aperto da liquidez interna fez com que até fins de outubro passado, mantivessem-se elevadas as entregas de café ao IBC. Naquela época, os preços internacionais estavam com clara tendência altista. Caso o valor unitário do café para efeito de financiamento seja fixado em, pelo menos, 70% do preço de garantia, o produtor contará com uma base efetiva de sustentação e o próprio IBC se livrará da incumbência — e das despesas — de adquirir novas quantidades de café no interior.

GRÁFICO 1 *CAFÉ — Preços Médios Mensais — Valores de Fechamento do 1º Futuro na Bolsa de Nova Iorque (US$/libra-peso) — jul/80 a dez/81*



FONTE: UNICOM.

CANA-DE-AÇÚCAR

Escassez de matéria-prima antecipa término da moagem

A atual safra brasileira de cana-de-açúcar poderá ter seu encerramento antecipado em alguns estados, em virtude da falta de matéria-prima a ser processada pelas usinas e destilarias. Tal situação manifestou-se na região Centro-Sul, sobretudo nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Paraná que, castigados pelas geadas ocorridas no final de julho passado, viram-se obrigados a apressar o corte da cana, sob pena de perderem parte considerável de sua produção. Observando-se o Quadro 1, constata-se que esta região, já com a safra praticamente encerrada, conseguiu cumprir quase integralmente o plano de produção de açúcar e álcool, previamente autorizado pelo IAA.

O estado de São Paulo, que figura como o mais destacado produtor, conseguiu superar as dificuldades impostas pelas geadas, ultrapassando a produção autorizada de açúcar e cumprindo a meta de produção de álcool. Isto foi possível porque, para evitar a deterioração da cana, as usinas do estado apressaram a moagem, após as geadas. Registre-se, ainda, que, em seguida àquela ocorrência, o clima mostrou-se favorável à cultura, com incidência regular de chuvas e calor. Contribuindo igualmente para este bom desempenho, o estado apresentou nesta safra um acréscimo de área plantada, o que concorreu para impedir uma possível redução da produção estadual. O volume de cana cortada, até o dia 30/11, atingiu 70.728.788 toneladas, correspondendo ao total inicialmente previsto. No entanto, é preciso lembrar que os mais graves efeitos da geada deverão ser sentidos na próxima safra, em virtude dos prejuízos causados na área de plantio, com a destruição de mudas.

No estado de Minas Gerais, a cana-de-açúcar afetada pelo clima teve seu corte acelerado, o que, tal como em São Paulo, permitiu reduzir a extensão dos danos provocados. A safra mineira encontra-se praticamente encerrada, com uma produção de açúcar e álcool ligeiramente inferior à meta estabelecida pelo Plano de Safras.

O estado do Paraná foi certamente o que mais se ressentiu das condições climáticas prevalecentes no período. Com uma quebra prevista de 15% no total da cana colhida, este estado produzirá, em açúcar, na atual safra, pouco além de 70% do volume total autorizado. Isto porque o Paraná não sofreu somente os efeitos das geadas. Foi prejudicado, logo em seguida, por uma prolongada estiagem, o que provocou uma forte quebra na produção.

Este mesmo problema (falta de matéria-prima) foi sentido pela agroindústria canavieira do Rio de Janeiro. Embora de forma menos acentuada do que nos anos anteriores, com o total de cana esmagada, em 1981, ultrapassando o resultado obtido na safra passada, a capacidade ociosa da indústria açucareira fluminense deve ficar em torno de 50%. Mais uma vez, a prolongada estiagem, que se estendeu de março a outubro, será a principal causadora do baixo rendimento agrícola obtido. Este fato, combinado com o superdimensionamento da indústria açucareira da região, colocará o estado, tradicional produtor de açúcar, em modesta posição na região Centro-Sul.

No Nordeste, a safra encontra-se ainda em pleno processamento, muito embora não esteja afastada a possibilidade de algumas regiões produtoras terem o encerramento de suas safras antecipado, em virtude do esgotamento da matéria-prima. Ainda que localizada, em sua maior parte, na área mais úmida da região, a cultura canavieira também sofreu os efeitos de uma das mais severas secas registradas nos últimos anos, o que contribuiu para reduzir ainda mais a baixa produtividade agrícola regional. Em compensação, o clima seco possibilitou uma elevação do teor de sacarose da cana, aumentando, assim, o rendimento industrial.

O estado de Pernambuco deverá cumprir a produção autorizada de açúcar e álcool, frustrando, no entanto, as expectativas iniciais, que indicavam uma superação daquelas metas. A estimativa do início da safra era de uma produção de 19 milhões de t de cana, mas o estado deverá perfazer

QUADRO 1

*BRASIL – Produção de Açúcar e Álcool – Safra 1981/82 – Posição de 15/12/1981 **

Estados e Regiões	Açúcar (50 kg) Autorizado	Realizado	% B/A	Álcool (m^3) Autorizado	Realizado	% B/A
Amazonas	–	–	–	1.000	536	53,60
Pará	205.520	124.305	60,48	3.000	778	25,93
Maranhão	395.400	347.021	87,76	9.000	6.461	71,79
Piauí	91.680	27.427	29,92	4.000	2.470	61,75
Ceará	784.080	532.400	67,90	15.000	5.735	38,23
R. G. Norte	1.819.560	1.094.280	60,14	63.000	30.024	47,66
Paraíba	2.561.020	1.994.196	77,87	109.300	54.928	50,25
Pernambuco	26.798.000	16.694.606	62,30	330.700	140.644	42,53
Alagoas	23.795.400	13.767.815	57,86	492.660	189.045	38,37
Sergipe	2.090.820	1.136.320	54,35	21.600	3.489	16,15
Bahia	1.082.520	757.679	69,99	5.420	2.696	49,74
Norte-Nordeste	59.624.000	36.476.049	61,18	1.054.680	436.806	41,42
M. Gerais	9.654.140	8.893.156	92,12	150.000	133.371	88,91
E. Santo	880.680	863.352	98,03	17.000	15.767	92,75
R. Janeiro	9.661.400	9.353.629	96,81	140.000	152.706	109,08
São Paulo	76.868.060	78.296.320	101,86	2.845.038	2.832.173	99,55
Paraná	5.000.720	3.531.846	70,63	196.683	192.848	98,05
S. Catarina	1.028.180	824.672	80,21	7.400	8.880	120,00
R. G. Sul	240.000	134.586	56,08	1.800	1.324	73,56
Mato Grosso	434.400	428.370	98,61	10.000	9.235	92,35
M. G. Sul	–	–	–	47.437	42.111	88,77
Goiás	608.420	311.960	51,27	30.000	17.970	59,90
Centro-Sul	104.376.000	102.637.891	98,33	3.445.358	3.406.385	98,87
BRASIL	164.000.000	139.113.940	84,83	4.500.038	3.843.191	85,40

FONTE: IAA-DCP.
* Produção de açúcar na região Centro-Sul - Posição de 30/11/1981.

um total de 14 a 15 milhões, o que equivalerá ao resultado atingido no ano passado. Em contraposição à quebra estimada de 20% da produção de cana, a produtividade industrial do estado deverá registrar uma elevação de 5%, ficando em torno de 92 kg/tonelada. A Zona da Mata Setentrional foi a região mais atingida pela seca, podendo sofrer uma quebra em sua produção de cana de até 50%. As recentes chuvas, que atingiram o estado no mês de dezembro, favorecerão a próxima safra, pois coincidem com o desenvolvimento da chamada *"cana planta"*.

A lavoura canavieira de Alagoas, por seu turno, também se ressentirá das conseqüências da seca na região, embora de maneira mais atenuada. A região Sul do estado foi a mais castigada pela estiagem. A ausência de chuvas, principalmente na fase de plantio e desenvolvimento da socaria, com uma precipitação abaixo de 20% do normal, deve provocar uma redução da produtividade agrícola média de 55 toneladas para 50 toneladas/ha. Em compensação, as usinas estão trabalhando com uma cana mais madura e, portanto, com maior eficiência. Tal como o estado do Rio de Janeiro, Alagoas deverá, mais uma vez, antecipar o encerramento de sua safra, em virtude da escassez de matéria-prima que, nos últimos anos, tem apresentado um déficit médio de 7 milhões de toneladas de cana.

Com base nos dados disponíveis, no momento, é possível prever que o país conseguirá cumprir sua meta de produção para a safra atual. No entanto, ocorrerão mudanças na posição dos estados produtores, pois alguns deverão sofrer quebras significativas em sua produção, o que deverá ser compensado pela boa performance de outros.

CARNE

Baixa rentabilidade gera aumento de abate de matrizes

A principal característica do mercado de boi gordo é o aumento do abate de matrizes em resposta à queda prolongada da rentabilidade econômica da atividade criatória. Neste sentido, o ano de 1981, principalmente a partir do segundo semestre, tornou-se o embrião reversivo da tendência de crescimento do rebanho, iniciada em fins de 1978, que culminou com a maior oferta de bois terminados no ano passado, situação que deve perdurar ainda no ano de 1982.

Os dados preliminares sobre o abate de bovinos nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Minas Gerais, relativos aos três primeiros trimestres de 1981, evidenciam um aumento de 3 pontos percentuais no abate de matrizes, em comparação com igual período de 1980 (ver Quadro 1). Dessa forma, o incremento no número de abates deveu-se quase exclusivamente ao aumento de matança de matrizes. A confrontação específica dos terceiros trimestres mostra que, em 1981, o abate de matrizes foi 9 pontos percentuais superior ao de igual período de 1980, ultrapassando o limite de 25%, considerado como a taxa normal de reposição de ventres férteis. Essa ultrapassagem, se consolidada, pode significar o início do declínio numérico do rebanho, pela redução de nascimentos já a partir do corrente ano.

A reação do pecuarista de aumentar o abate de matrizes tem caráter cíclico e ocorre toda vez que os preços da mercadoria atingem um patamar não remunerador dos custos do empreendimento. A coincidência de maior oferta de bois gordos com a fase recessiva da economia do país assinalou com características singulares o mercado de carne bovina em 1981. Se, por um lado, os pecuaristas reclamam com justeza a depreciação do produto, cuja cotação média real caiu 36,4% em 1981, em relação ao ano anterior, os frigoríficos também não tiveram um ano de boa rentabilidade. A dificuldade de repasse dos preços do boi gordo ao mercado retalhista, às voltas com uma redução da demanda, acarretou uma série de transtornos financeiros, culminando com a retirada temporária do mercado de vários frigoríficos de grande porte em São Paulo e em outros estados. É oportuno frisar que, muito provavelmente, a maior retração do consumidor em São Paulo deveu-se à incidência de forte desemprego no

estado. O consumidor final, por sua vez, não fosse a fase recessiva da economia, teria sido beneficiado, já que a cotação média da carne bovina foi de Cr$ 198,70/kg, representando um aumento de 66,57% sobre a cotação do ano anterior (ver Quadros 2 e 3). Muito embora essa variação tenha sido superior em 12,8% à verificada para o boi gordo, há que ser destacado que se situou, mesmo assim, em patamar muito abaixo da inflação anual (95,2%).

Releva evidenciar que os preços do boi gordo e da carne bovina nos su-

QUADRO 1

ESTADOS SELECIONADOS – Dados Preliminares sobre Abate de Bois e Vacas no Terceiro Trimestre e Acumulado até Setembro nos anos de 1980 e 1981

Estado	1980				1981			
	3º Trimestre		Acumulado até Setembro		3º Trimestre		Acumulado até Setembro	
	Vacas	Bois + Vacas	Vacas	Bois + Vacas	Vacas	Bois + Vacas	Vacas	Bois + Vacas
Rio Grande do Sul[1]	47.466 (31,47%)	150.818	283.848 (32,51%)	873.188	60.437 (35,19%)	171.723	306.323 (33,37%)	918.044
Paraná[2]	16.413 (11,13%)	147.504	58.263 (10,65%)	547.322	32.153 (18,44%)	174.350	89.174 (14,98%)	595.094
São Paulo[2]	50.381 (11,23%)	448.736	184.207 (10,82%)	1.703.203	82.179 (19,06%)	431.146	217.322 (12,79%)	1.698.740
Minas Gerais[1]	100.194 (33,27%)	303.333	479.429 (33,87%)	1.415.291	183.068 (41,67%)	439.735	601.142 (38,51%)	1.560.869
TOTAL	214.454 (20,42%)	1.050.391	1.005.747 (22,16%)	4.539.004	357.837 (29,40%)	1.216.954	1.213.961 (25,44%)	4.772.747

[1] Inclui abates não inspecionados.
[2] Somente abates inspecionados.
FONTE: CEPA (RS e MG), DERAL (PR) e Sindicato da Indústria do Frio (SP).

QUADRO 2

CIDADE DO RIO DE JANEIRO – Preços da Carne Bovina por Tipo de Corte nos Supermercados – 1980
(Cr$/kg)

Discriminação	1º/01/80	A partir de 29/02/80	A partir de 29/05/80	A partir de 11/07/80
Carne de primeira				
Contra-filé	122,00	140,00	161,00	183,00
Alcatra	111,50	135,00	151,50	173,00
Chã, patinho, lagarto plano	98,00	123,00	138,00	157,00
Lagarto redondo		127,00	142,00	162,00
Moída de primeira	98,00	123,00	138,00	157,00
Músculo de primeira	98,00	123,00	138,00	157,00
Carne de segunda				
Pá, acém			104,00	120,00
Peito	71,20		97,50	112,00
Moída de segunda	81,80	92,00	104,00	120,00
Músculo de segunda	87,00	87,00	97,50	112,00
Capa e aba de filé	74,30	87,00	97,50	112,00
Costela	49,60	65,00	74,50	86,00
Acém	78,00	92,00		
Pá	81,80	92,00		
Preço médio	87,60	107,17	120,29	137,58

FONTE: ASSERJ.

permercados tiveram comportamento divergente ao longo do ano de 1981. No primeiro semestre, quando a cotação do boi gordo manteve-se praticamente estável, o preço da carne bovina teve uma alta de 39,37%. Contrariamente, no segundo semestre, quando os preços do boi terminado experimentaram um aumento de 42,82%(*), a variação dos preços

(*) Cotação do boi gordo em Presidente Prudente (SP), segundo a DIRA regional.

QUADRO 3

CIDADE DO RIO DE JANEIRO — Preços da Carne Bovina por Tipo de Corte, em Supermercados — ano de 1981 e a partir de 05/01/82
(Cr$/kg)

Discriminação	1º/01/81	A partir de 12/01/81	A partir de 03/02/81	A partir de 29/06/81	A partir de 13/07/81	A partir de 17/08/81	A partir de 21/09/81	A partir de 05/01/82
Carne de 1ª.								
Contra-filé	183,00	210,00	253,00	262,00	280,00	297,00	300,00	310,00
Alcatra	173,00	198,00	239,00	247,00	264,00	280,00	288,00	300,00
Chã, patinho, lagarto plano	157,00	180,00	217,00	225,00	240,00	255,00	262,00	270,00
Lagarto redondo	162,00	186,00	224,00	232,00	248,00	263,00	270,00	280,00
Moída de primeira	157,00	180,00	217,00	225,00	240,00	255,00	262,00	270,00
Músculo de primeira	157,00	180,00	217,00	225,00	240,00	255,00	262,00	270,00
Carne de 2ª.								
Pá, acém	120,00	136,00	152,00	160,00	176,00	192,00	200,00	240,00
Peito	112,00	127,00	142,00	150,00	165,00	180,00	187,00	225,00
Moída de segunda	120,00	127,00	142,00	160,00	165,00	180,00	187,00	225,00
Músculo de segunda	112,00	127,00	142,00	150,00	165,00	180,00	187,00	225,00
Capa e aba de filé	112,00	127,00	142,00	150,00	165,00	180,00	187,00	225,00
Costela	86,00	97,00	109,00	115,00	126,00	138,00	136,00	170,00
Preço médio	137,58	156,25	183,00	191,75	206,17	221,25	227,33	250,83

FONTE: ASSERJ.

no balcão dos supermercados foi bem menor, da ordem de 18,56%.

No sentido de aliviar a crise setorial gerada pelo aumento da oferta de carne bovina, a atuação governamental concentrou-se em duas frentes. No plano interno, dentro do programa de estocagem de carne bovina para atender o mercado na entressafra, a reserva reguladora, em 1981, representou um volume recorde de 263,5 mil toneladas. A distribuição da carne congelada, cujo canal principal é o supermercado, explica a discrepância do comportamento de preços do boi gordo e da carne bovina a nível do consumidor, no segundo semestre de 1981. Subsiste sem explicação a alta inusitada nos supermercados, ocorrida no primeiro semestre, uma vez que o item boi gordo representa cerca de 70% nos custos dos frigoríficos. No plano externo, foi implementado um programa de intensificação da exportação de carne bovina, visando alcançar o nível de 300 mil toneladas em equivalente-carcaça, o que representaria um montante de divisas da ordem de US$ 570 milhões. O ano escolhido para a retomada do mercado não foi muito propício, devido à queda contínua das cotações internacionais. Assim, prejudicado por razões de ordem interna (indefinição quanto ao ICM da carne, atraso na liberação dos recursos previstos na Resolução 674 do BACEN), e pelas condições prevalecentes no mercado internacional (desvalorização das moedas européias em relação ao dólar, modificações cambiais na Argentina, restrições às compras nos países europeus), o valor das exportações deve ser da ordem de US$ 435 milhões, 24% aquém da meta programada. Até outubro, segundo dados da CACEX, tinham sido exportadas 35,9 mil t de carne *"in natura"* (US$ 99,2 milhões), 77,2 mil t de carne industrializada (US$ 238 milhões) e 1,6 mil t de extrato de carne (US$ 21 milhões), correspondendo a cerca de 210 mil t em equivalente-carcaça.

O menor volume de exportação deverá influenciar o nível do *"carry-over"* da COBAL, uma vez que parte do estoque regulador seria encaminhada ao mercado internacional. Assim, os estoques remanescentes em mãos do governo deverão atingir um nível significativo no começo de 1982. Essa situação deverá acarretar alguns transtornos ao pecuarista da região Centro-Sul que, em função da baixa absorção do mercado interno, começa a pressionar o governo no sentido de reiniciar as compras para aliviar temporariamente a oferta de bois prontos para o abate, que, em 1982, deverá ser de 7% a 10% superior à do ano passado.

Embora não se conheça ainda o volume do *"carry-over"* da COBAL, sabe-se que deverá ser constituído em sua maior parte de carne de primeira, uma vez que, em alguns mercados como o do Rio de Janeiro, já se verifica uma escassez na distribuição da carne congelada de segunda. Desse modo, os supermercados passaram a substituir a carne congelada de segunda por carne fresca, provocando uma alta média de 20,84% na carne fresca de segunda, de acordo com a nova tabela distribuída pela ASSERJ aos supermercados, em 05.01.82 (ver Quadro 3).

A antecipação das compras de carne bovina pela COBAL para estocagem de entressafra poderá constituir-se num alívio temporário do mercado, tendo em vista a baixa absorção do mercado consumidor interno de carnes, cuja estrutura sofreu modificações substanciais com a expansão vertiginosa da produção avícola nos últimos anos. Paralelamente, a manutenção de um esquema exportador agressivo significará um reforço a mais no sentido de *"enxugar"* o excesso de oferta de bois gordos. No entanto, a criação de uma linha especial de crédito para a retenção de matrizes, medida já em cogitação na área governamental, evitaria uma turbulência maior no mercado em 1984, devido à escassez previsível de animais prontos para o abate, caso recrudesça a tendência atual de matança de ventres férteis.

PANORAMA AGROPECUÁRIO

ACOMPANHAMENTO DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

ALGODÃO — CENTRO-SUL

Início da colheita: fevereiro/março
Pico da safra: abril
Produção prevista: 1,348/1,395 milhão de t
Produção da safra 1980/81: 1,276 milhão de t
Maior produção alcançada anteriormente: 1,675 milhão de t, safra 1971/72
Causas da variação na produção: expansão na área plantada
Estágio atual da lavoura: desenvolvimento vegetativo e início de floração em algumas áreas
Fatores críticos neste estágio: falta de umidade no solo

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

PARANÁ

Variação na área: +18% a +21%
Produção prevista: 637,2 a 654,9 mil t
Safra anterior: 581 mil t
Causas da variação na produção: expansão da área plantada, principalmente em antigas áreas de café
Estágio atual: desenvolvimento vegetativo. Em algumas regiões, as lavouras já apresentam floração
Rendimento médio: 1.780 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

SÃO PAULO

Variação na área: +11% a +17%
Produção prevista: 504 a 530,2 mil t
Safra anterior: 466,5 mil t
Causas da variação na produção: expansão da área plantada
Estágio atual: desenvolvimento vegetativo. Em algumas regiões a lavoura já se encontra em floração
Rendimento médio: 1.799 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

GOIÁS

Variação na área: -3%
Produção prevista: 70,3 mil t
Safra anterior: 71,247 mil t
Causas da variação na produção: redução na área plantada
Estágio atual: desenvolvimento vegetativo e início de floração em algumas áreas
Rendimento médio: 1.865 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

MINAS GERAIS

Variação na área: -10% a -5%
Produção prevista: 69,75 a 73,5 mil t
Safra anterior: 81,98 mil t
Causas da variação na produção: redução da área plantada e redução no rendimento médio, que na safra 1980/81 ficou em 796 kg/ha
Estágio atual: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 750 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

MATO GROSSO DO SUL

Variação na área: -15%
Produção prevista: 66,758 mil t
Safra anterior: 76,142 mil t
Causas da variação na produção: redução na área plantada
Estágio atual: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 1.600 kg/ha
Preço médio ao produtor: –
Obs.: último levantamento efetuado modificou substancialmente as estimativas anteriores.

ACOMPANHAMENTO DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

ARROZ

CENTRO-SUL

Início da colheita: fevereiro
Pico da safra: março/abril
Produção prevista: 7,9 milhões de t, média das estimativas da CFP
Produção da safra 1980/81: 7,7 milhões de t, segundo a CFP
Maior produção alcançada anteriormente: 7,8 milhões de t, em 1979/80
Causas da variação na produção: redução da área plantada na maior parte das regiões produtoras
Estágio atual da lavoura: germinação e desenvolvimento vegetativo
Fatores críticos neste estágio: incidência de pragas

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

RIO GRANDE DO SUL

Variação na área: 0%
Produção prevista: 2,5 milhões de t
Safra anterior: 2,5 milhões de t
Causas da variação na produção: manutenção da área cultivada da safra anterior e bom comportamento do clima, destoando neste aspecto apenas a região de Itaqui, onde os mananciais ainda não estão em boas condições
Estágio atual: plantio recentemente encerrado
Rendimento médio: 3.950 kg/ha
Preço médio ao produtor: mercado praticamente inoperante em nível de produtor, com entregas apenas de produto em EGF

GOIÁS

Variação na área: -21%, segundo a CEPA
Produção prevista: 1,213 milhões de t
Safra anterior: 951,4 mil t
Causas da variação na produção: o ataque de cigarrinhas originárias das pastagens parece ter-se acomodado e, como as chuvas estão, em geral, bem distribuídas, espera-se um aumento da produtividade
Estágio atual: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 990 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 1.500 a Cr$ 2.000/60 kg

MATO GROSSO

Variação na área: -5%, segundo a CEPA
Produção prevista: 1,1 milhão de t
Safra anterior: 941,58 mil t
Causas da variação na produção: diminuição da área cultivada
Estágio atual: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: esperam-se 1.334 kg/ha que deverão ser obtidos pois, à exceção de pequena incidência de nematóides em regiões localizadas, é bom o estado da safra
Preço médio ao produtor: Cr$ 1.500/60 kg

MINAS GERAIS

Variação na área: -10 a -5%
Produção prevista: 854 mil t a 900 mil t, de acordo com a CFP
Safra anterior: 750 mil t
Causas da variação na produção: apesar da redução da área plantada, o aumento esperado na produtividade (de 1.150 kg/ha para 1.450 kg/ha), em relação à safra passada, deverá permitir a obtenção de um resultado entre 14 e 20% maior do que o da safra 1980/81
Estágio atual: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 1.450 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ . . . 1.650,00 a Cr$ 2.000,00/60 kg (Zona da Mata)

ACOMPANHAMENTO DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

FEIJÃO

CENTRO-SUL

Início da colheita: fins de novembro e dezembro
Pico da safra: janeiro/fevereiro
Produção prevista: 1,43 a 1,465 milhão de t
Produção da safra 1980/81: 1,274 milhão de t
Maior produção alcançada anteriormente: 2,68 milhões de t, em 1972, considerando-se as safras das águas e da seca
Causas da variação na produção: aumento da área plantada
Estágio atual da lavoura: colheita

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

PARANÁ

Variação na área: +5%, segundo o IBGE, que inclui a safra de inverno. Sem ela, sua estimativa reduz-se a +1,6%
Produção prevista: 577,5 mil t
Safra anterior: 522 mil t
Causas da variação na produção: aumento na área cultivada
Estágio atual: colheita
Rendimento médio: 690 kg/ha, com as lavouras afetadas pela estiagem: média de 500 kg/ha; as tardias, superando os 1.000 kg/ha, em muitos casos
Preço médio ao produtor: Cr$. . . 2.200 a Cr$ 2.300,00/sc 60 kg do feijão velho e Cr$ 2.700,00 a Cr$ 3.700/sc 60 kg do produto novo

SANTA CATARINA

Variação na área: +12,7%
Produção prevista: 235,6 mil t
Safra anterior: 175,5 mil t
Causas da variação na produção: incremento na área de plantio
Estágio atual: colheita recentemente iniciada
Rendimento médio: 950 kg/ha
Preço médio ao produtor: permanecem os Cr$ 3.400,00/60 kg, estabelecido pelas cooperativas, que adquirem o produto pelo preço mínimo (Cr$ 3.709,80) descontando suas despesas

SÃO PAULO

Variação na área: +30%
Produção prevista: 181,65 mil t, segundo o IEA
Safra anterior: 141 mil t
Causas da variação na produção: grande ampliação na área de cultivo.
Estágio atual: pico da safra
Rendimento médio: embora a produtividade média esperada seja de 650 kg/ha, o rendimento obtido até meados de dezembro foi de apenas 552 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ . . . 3.650,00/60 kg para a variedade Carioquinha. Este preço, por ser a média estadual, não reflete a situação das principais regiões produtoras, como Itararé, onde os preços são ainda inferiores

RIO GRANDE DO SUL

Variação na área: +6,4%
Produção prevista: 162,35 mil t
Safra anterior: 110 mil t
Causas da variação na produção: expansão da área cultivada e aumento da produtividade
Estágio atual: final da colheita
Rendimento médio: 772 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ . . . 2.800,00/60 kg

ACOMPANHAMENTO DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

MILHO

BRASIL

Início da colheita: fevereiro/março
Pico da safra: abril/maio
Produção prevista: 24,3 milhões de t
Produção da safra 1980/81: 22,5 milhões de t
Maior produção alcançada anteriormente: 22,5 milhões de t, na safra 1980/81
Causas da variação na produção: aumento da área plantada
Estágio atual da lavoura: desenvolvimento vegetativo
Fatores críticos neste estágio: chuvas em demasia; incidência de pragas

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

PARANÁ

Variação na área: +5%
Produção prevista: 5,77 milhões de t
Safra anterior: 5,57 milhões de t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada
Estágio atual: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 2.550 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 850,00 a Cr$ 900,00 pela saca de 60 kg

RIO GRANDE DO SUL

Variação na área: +5,1%
Produção prevista: 3,98 milhões de t
Safra anterior: 3,81 milhões de t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada
Estágio atual: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 2.084 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 950,00/60 kg

MINAS GERAIS

Variação na área: +2,5%
Produção prevista: 3,598 milhões de t
Safra anterior: 3,51 milhões de t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada
Estágio atual: germinação e desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 1.780 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 920,00 a Cr$ 1.050,00/sc 60 kg

SANTA CATARINA

Variação na área: +1,5%
Produção prevista: 3.209 milhoes de t
Safra anterior: 3,161 milhões de t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada
Estágio atual: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 2.750 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 900,00/60 kg

SÃO PAULO

Variação na área: +8,1%
Produção prevista: 3 milhões de t
Safra anterior: 2,931 milhões de t
Causas da variação na produção: aumento da área plantada
Estágio atual: desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 2.358 kg/ha
Preço médio ao produtor: Cr$ 950,00 a Cr$ 1.020,00/60 kg

ACOMPANHAMENTO DAS CULTURAS TEMPORÁRIAS

SOJA

BRASIL

Início da colheita: março
Pico da safra: abril/maio
Produção prevista: 15,1 milhões de t
Produção da safra 1980/81: 15,4 milhões de t
Maior produção alcançada anteriormente: 15,4 milhões de t, na safra 1980/81
Causas da variação na produção: ligeira redução da área plantada
Estágio atual da lavoura: germinação e desenvolvimento vegetativo
Fatores críticos neste estágio: excesso de chuvas que possam causar erosão

SITUAÇÃO NOS ESTADOS

RIO GRANDE DO SUL

Variação na área: -5%
Produção prevista: 5,76 milhões de t
Safra anterior: 6,09 milhões de t
Causas da variação na produção: redução da área plantada, principalmente pela concorrência do milho
Estágio atual: germinação e desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 1.550 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

PARANÁ

Variação na área: -5%
Produção prevista: 4,9 milhoes de t
Safra anterior: 5,26 milhões de t
Causas da variação na produção: redução da área plantada
Estágio atual: a maior parte das lavouras se encontra em desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 2.200 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

MATO GROSSO DO SUL

Variação na área: 0 a +5%
Produção prevista: 1,38 a 1,45 milhão de t
Safra anterior: 1,35 milhão de t
Causas da variação na produção: possível expansão da área cultivada
Estágio atual: germinação e desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 1.700 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

SÃO PAULO

Variação na área: -10 a -5%
Produção prevista: 971 a 993 mil t
Safra anterior: 1,1 milhão de t
Causas da variação na produção: redução da área de plantio, em função da concorrência do milho e da cana-de-açúcar
Estágio atual: plantio praticamente encerrado. Boa parte das lavouras encontra-se em fase de germinação e desenvolvimento vegetativo
Rendimento médio: 1.924 kg/ha
Preço médio ao produtor: –

PREÇOS NO MERCADO EXTERNO

GUIA DE LEITURA (posições nominais)
1 – Posição da última semana do mês anterior
2 – Posição da última quinzena do mês anterior
3 – Posição do mês anterior
4 – Posição um ano antes
5 – Comportamento dos Futuros
6 – Fatores ponderáveis e perspectivas dos próximos 30 dias

PREÇO / PRODUTO	Posição 1 Ano Antes	Posição Mês	Posição Última Quinzena	Posição Última Semana	Futuros J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	Tendência	Fatores Ponderáveis
AÇÚCAR RAW MERC.–N.Y. US ¢/lb-peso *Fonte: Unicom*	28,95	12,96	13,26	13,10	12,98		13,26		13,39		13,58		13,79	14,00			➡	Tendência à acomodação das cotações após surto especulativo baseado em rumores de compras maciças da URSS.
ALGODÃO 1-1/16" M-Memphis MERC.–N.Y. US ¢/lb-peso Fonte: Unicom	87,86	55,14	55,89	56,83			63,38		64,83		66,22			68,06		69,28	➡	*Incentivos à diminuição da produção algodoeira norte-americana, se efetivados pelo USDA, poderão ter reflexos positivos sobre os preços. Nível atual de preços do algodão norte-americano deverá continuar a favorecer suas exportações.*
CACAU BAHIA MERC.–N.Y. US$/tonelada *Fonte: Unicom*	1990,45	2007,14	2009,00	2010,50			2019,67		2033,71		2052,05		2074,33			2110,57	➡	O impulso que as novas normas de atuação do Estoque Regulador deram ao mercado parece esgotado.
CAFÉ SANTOS MERC.–N.Y. US ¢/lb-peso Fonte: Unicom	122,16	137,47	143,83	139,22			142,88		130,49		128,62		126,85			124,60	➡	Mercado calmo apresentando ligeiras oscilações resultantes de ajustes normais. Movimentos *maiores só deverão ocorrer* na presença de novos fatores fundamentais.

NOTA: Spot de Cacau e Café suspenso. As posições da Última Semana, Última Quinzena e do Mês Anterior referem-se a futuro 1ª entrega.

Agroanalysis, 6(1): 20-30, janeiro/1982

As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudanças, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição 1 Ano Antes	Posição Mês	Posição Última Quinzena	Posição Última Semana	Futuros J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	Tendência	Fatores Ponderáveis
MILHO TWO YELLOW MERC.–CHIC. US ¢/bushel Fonte: Unicom	341,36	252,72	249,07	252,94			272,18		282,22		287,81		289,88			294,05		Safra recorde norte-americana, aliada à esperada redução de 5% na produção suína do país mantém tendência baixista das cotações.
SOJA - GRÃO ONE YELLOW MERC.–CHIC. US ¢/bushel Fonte: Unicom	768,28	623,02	611,08	611,81	628,63		641,85		656,03		668,82	670,41	669,66		672,76			Possibilidades de recuperação da demanda internacional, tendo em vista o nível baixo das atuais cotações.
SOJA FARELO MERC.–CHIC. US$/tonelada Fonte: Unicom	224,95	188,14	185,59	185,13	186,95		188,89		191,38		193,84	194,22	194,93	194,75				"Oil World" está prevendo um crescimento de 6,8% no consumo desse produto, na temporada 1981/82.
TRIGO SOFT RED MERC.–CHIC. US ¢/bushel Fonte: Unicom	453,04	386,86	376,95	380,38			404,77		407,74		412,26		423,23			439,00		— Incertezas do quadro político mundial têm tido um efeito baixista sobre as cotações. — Exportações norte-americanas 22% superiores a igual período do ano anterior.

PREÇOS NO MERCADO INTERNO

GUIA DE LEITURA (posições nominais)
1 – Posição da última semana do mês anterior
2 – Posição da última quinzena do mês anterior
3 – Posição do mês anterior
4 – Posição um ano antes (Corrigida pelo IGP, col. 2 – Conjuntura Econômica-FGV)
5 – Fatores ponderáveis e perspectivas dos próximos 30 dias

PREÇO / PRODUTO	Posição 1 Ano Antes	Posição Mês	Posição Última Quinzena	Posição Última Semana	Tendência	Fatores Ponderáveis
ALGODÃO Tipo 6–Sul do BR MERC. – SP Cr$/15 kg Fonte: Bolsa de Mercadorias de SP	4.402,34	2.979,00	3.150,00	3.150,00	→	Menor disponibilidade de algodões de tipos melhores e a passagem do ano, mantém o mercado praticamente parado.
ARROZ Amarelão - Est. Cen. MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	3.122,44	3.566,67	3.850,00	4.000,00	↗	– Escassas quantidades do produto permanecem fora dos estoques governamentais. – Cotações oscilarão conforme ocorrerem os leilões da CFP.
CAFÉ Tipo 6 Bolsa de Mercadorias de São Paulo Fonte: UNICON	10.510,50	11.857,48	13.361,00	13.370,00	→	Mercado permanece na expectativa da definição das normas de financiamento e exportação para 1982.
BOI GORDO – MERC. – Pres. Prud. Cr$/arroba Fonte: IEA-SP	2.043,07	2.645,24	2.685,00	2.700,00	↗	– Plena safra: grande oferta de bois para o abate. – Mercado consumidor retraído.

NOTA: Cotações de Algodão correspondem a 1º Futuro.

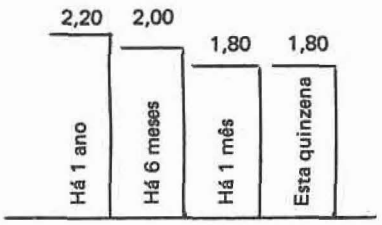
As informações e perspectivas aqui apresentadas se baseiam em fontes fidedignas e em cuidadosas análises de cada mercado, cujo grau de precisão e integridade, entretanto, o GIA não pode garantir. Nossas opiniões sobre as perspectivas de mercado são, por sua natureza subjetiva, sujeitas a mudanças, independentemente da ocorrência de novos fatores ponderáveis. Sugerimos contato com nossos técnicos para qualquer esclarecimento ou troca de opiniões. (ver 1ª contracapa).

PREÇO / PRODUTO	Posição 1 Ano Antes*	Posição Mês	Posição Última Quinzena	Posição Última Semana	Tendência	Fatores Ponderáveis
FEIJÃO Carioquinha Especial MERC. – SP Cr$/sc. 60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	8.594,63	3.505,00	3.433,33	3.466,67	➘	Encerrando-se a colheita, os preços tendem a se acomodar em torno do preço mínimo.
FRANGO Vivo MERC. – SP Cr$/kg Fonte: APA	102,18	79,30	82,00	82,50	➡	Retração observada no consumo e aproximação da época de queda sazonal dos preços inviabilizam a recuperação das cotações no curto prazo.
MILHO Amarelo Semiduro MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	1.605,34	1.058,25	1.060,00	1.060,00	➡	Atraso da colheita da safra 1981/82 não tem sido suficiente para aquecer este mercado, cuja demanda continua retraída.
SOJA - GRÃO Industrial MERC. – SP Cr$/60 kg Fonte: Bolsa de Cereais de SP	1.800,83	1.577,50	1.568,34	1.556,67	➡	Cotações deprimidas no mercado internacional e bom desenvolvimento, até agora, da safra brasileira, vêm mantendo estáveis as cotações em termos nominais.

* Corrigida pelo IGP, col. 2 – Conjuntura Econômica-FGV.

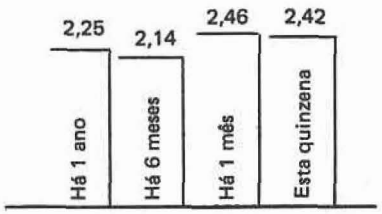
PREÇOS RELATIVOS – MERCADO EXTERNO

Algodão / Soja



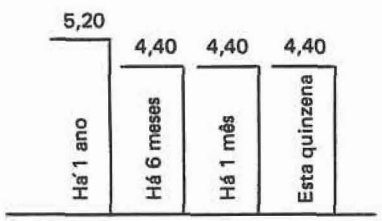
A ligeira movimentação ascendente observada, esta quinzena, no preço relativo algodão/soja frente àquele de há um mês explica-se pelo decréscimo de 1,9% e pelo acréscimo de 1,4% havidos, respectivamente, nos preços da soja e do algodão no período. A tendência declinante do mercado da leguminosa nos EUA revela, assim, a incapacidade dos sojicultores norte-americanos de sustentarem a cotação do produto, com o fim da colheita da safra naquele país.

Soja / Milho



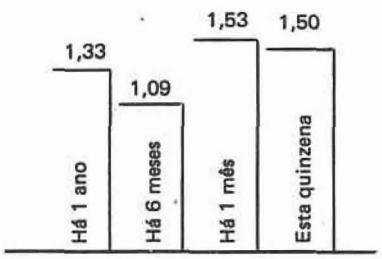
Durante a última quinzena, o preço do milho depreciou-se 1,5% em comparação com o valor médio de um mês antes, evidenciando a tendência baixista que domina este mercado, em virtude do recorde da produção norte-americana e da fraca perspectiva de exportação na atual temporada. Tal fato, contraposto à mencionada queda da cotação da soja, explica o mais recente patamar do preço relativo soja/milho.

Algodão / Milho



A *recuperação* de 1,4% observada, esta quinzena, no preço do algodão, é o primeiro sintoma de reação deste mercado às medidas governamentais de sustentação do preço da fibra. Desta forma, a relação de preços algodão/milho veio revelar, esta quinzena, ganho sobre o valor vigente no mês anterior, embora o novo quociente *ainda seja bastante inferior à relação de preços existente há um ano.*

Trigo / Milho

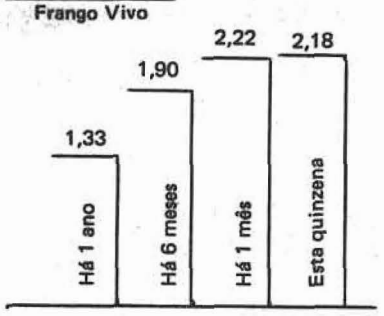


Ligeiramente inferior à relação de um mês antes, mas superior à de um ano antes, o preço relativo trigo/milho desta quinzena sofreu influência da queda de 2,6% observada na cotação do trigo no período mais recente. O preço deste cereal vem sendo ultimamente afetado não só pelas elevadas safras obtidas nos EUA e no Canadá como, também, pelas perspectivas de médio prazo do comércio internacional desta *"commodity"*, cuja cotação atual é 16,8% inferior à vigente há um ano.

FONTES: Algodão: Unicom, Cotton World Statistics. Soja, Milho e Trigo: Unicom, Commodity Year Book.

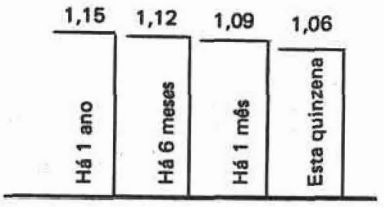
PREÇOS RELATIVOS – MERCADO INTERNO

Boi Gordo / Frango Vivo



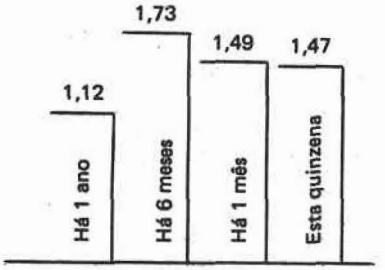
A alteração negativa que apresentou, esta quinzena, o preço relativo boi gordo/frango vivo em relação ao de há um mês (-1,8%), deveu-se, primordialmente, à valorização de 3,4% observada no preço da ave, ocorrência normal nesta época do ano, quando se expande o consumo desta carne em função das festas de fim de ano.

Frango Vivo / Ração Ave Corte



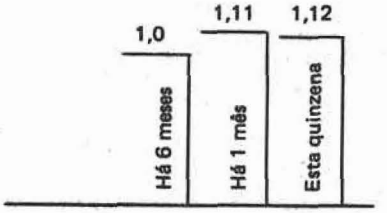
Conquanto a contraposição da situação atual à de há 6 meses aponte expansão da vantagem concorrencial da carne avícola sobre a bovina, o preço relativo frango/ração evidencia que não é através de menores custos de alimentação que os avicultores continuam a disputar sua fatia do mercado consumidor: o preço relativo frango/ração apontava quociente superior ao desta quinzena, o qual revela-se, mesmo, bastante próximo da unidade. Considerando-se que cerca de 60% do custo de produção da ave provém da alimentação, fica evidente a crise pela qual vem passando o setor avícola nacional.

Soja / Milho



A inércia em que se encontra o mercado nacional de milho, em função da lenta comercialização observada ultimamente, encarregou-se de manter inalterada a cotação deste cereal, esta quinzena, frente àquela de há um mês. Tal fato, aliado à movimentação também incipiente do mercado da soja (cuja cotação manteve-se praticamente estagnada no período), explica a relativa inalterabilidade do preço relativo soja/milho no período em questão. Note-se que, inversamente, há um ano, vista pela ótica dos compradores atacadistas a situação revelava-se muito menos favorável ao cereal.

Feijão Preto / Feijão Carioquinha



Continua próximo à unidade o preço relativo feijão preto/feijão carioquinha desta quinzena, situação estabelecida depois de a retração do consumo da leguminosa, associada à expansão da safra nacional, ter determinado acomodação do mercado deste produto às reais condições de compra da população. Vale lembrar que, há um ano, o preço nominal do feijão carioquinha excedia o desta quinzena em 28,4%, enquanto o preço do feijão preto encontrava-se tabelado, em função de sua pequena oferta e elevada procura.

FONTES: Boi Gordo: IEA-Sec. Agric. SP. Frango Vivo e Ração Ave Corte: IEA-Sec. Agr. SP e APA. Feijão Preto, Feijão Carioquinha, Soja e Milho: Bolsa de Cereais de SP.

impresso na
COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS
RUA RIACHUELO, 128 TEL. 222-3359

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Entidade de caráter técnico-científico, educativo e filantrópico, instituída em 20 de dezembro de 1944 como pessoa jurídica de direito privado, visando ao estudo dos problemas de organização racional do trabalho, especialmente nos seus aspectos administrativos e social e à conformidade de seus métodos às condições do meio brasileiro.

Sede: Praia de Botafogo, 190 – Caixa Postal: 9.052 – ZC–02
Tel.: 551-1542
CEP: 22.250 – Rio de Janeiro – RJ

Presidente: Luiz Simões Lopes
Superintendente Geral: Roberto Hermeto Corrêa da Costa

CONSELHO DIRETOR
Presidente: Luiz Simões Lopes
Vice-Presidente: Jorge Oscar de Mello Flôres
Membros: Alberto Sá Souza de Brito Pereira, Carlos Medeiros Silva, Eugenio Gudin, Francisco Oswaldo Neves Dornelles, José Joaquim de Sá Freire Alvim e Octávio Gouvêa de Bulhões

CONSELHO CURADOR
Presidente: Alberto Pires Amarante
Vice-Presidente: João Carlos Vital
Membros: Aldo Batista Franco, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, Antônio Garcia de Miranda Neto, Antônio Ribeiro França Filho, Apolônio Jorge de Faria Salles, Celso Timponi, Cezar Reis de Cantanhede e Almeida, Estado de São Paulo, Francisco Montojos, Heitor Campello Duarte, Henrique Domingos Ribeiro Barbosa, Instituto de Resseguros do Brasil, José de Nazaré Teixeira Dias, Embaixador Manoel Pio Corrêa Jr., Moacyr Velloso Cardoso de Oliveira, Paulo de Tarso Leal, Rafael da Silva Xavier, Rubens d'Almada Horta Pôrto, Theodoro Arthou.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

COMISSÃO DIRETORA
Presidente: Octávio Gouvêa de Bulhões
Vice-Presidente: Mario Henrique Simonsen
Membros: Eugenio Gudin, Janes Angelo de Souza, Julian Magalhães Chacel e Mario Henrique Simonsen
Assessor de Direção: Jorge Kingston

DEPARTAMENTO DE ENSINO:
Diretor da Escola de Pós-Graduação em Economia: Mario Henrique Simonsen

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PESQUISAS:
Diretor: Julian Magalhães Chacel

Divisão de Contabilidade Social:
Diretor: Angelo Jorge de Souza
Centro de Contas Nacionais: Ralph Miguel Zerkowski
Centro de Estudos Fiscais: Margaret Hanson Costa
Centro de Estudos Industriais: Eden Gonçalves de Oliveira

Divisão de Estatística e Econometria:
Diretor: Janes Angelo de Souza
Centro de Estudos Agrícolas: Sylvio Wanick Ribeiro
Centro de Estatística Econômica: Marcos Ferreira de Souza
Centro de Processamento de Dados – Eugênio Decourt
Centro de Estudos Monetários e de Economia Internacional – Luiz Aranha Corrêa do Lago



Não sendo encontrado o destinatário, devolver ao
GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRICOLA
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
Av. Gomes Freire, 647 – 10º andar
ZC-58 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL